

**A Trágica História de
HAMLET
Príncipe de Dinamarca**



**William
Shakespeare**

ÍNDICE



ATO I

- Cena I — 8
- Cena II — 16
- Cena III — 28
- Cena IV — 34
- Cena V — 39

ATO II

- Cena I — 48
- Cena II — 54

ATO III

- Cena I — 79
- Cena II — 88
- Cena III — 108
- Cena IV — 112

ATO IV

Cena I	— 122
Cena II	— 125
Cena III	— 128
Cena IV	— 132
Cena V	— 136
Cena VI	— 146
Cena VII	— 148

ATO V

Cena I	— 156
Cena II	— 172

Personagens Dramáticas

CLÁUDIO (*rei da Dinamarca*)

HAMLET (*filho do defunto rei e sobrinho do rei reinante*)

FORTIMBRAS (*príncipe da Noruega*)

HORÁCIO (*amigo de Hamlet*)

POLÔNIO (*camareiro-mor*)

LAERTES (*seu filho*)

VOLTIMANDO (*cortesão*)

CORNÉLIO (*cortesão*)

ROBENCRANTZ (*cortesão*)

GUILDENSTERN (*cortesão*)

OSRICO

Um nobre

Um padre

BERNARDO (*oficial*)

MARCELO (*oficial*)

FRANCISCO (*soldado*)

REINALDO (*criado de Polônio*)

Um capitão

Embaixadores ingleses

Atores, coveiros

GERTRUDES (*rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet*)

OFÉLIA (*filha de Polônio*)

Nobres, senhoras, oficiais, soldados, marinheiros,
mensageiros e criados
O Fantasma do pai de Hamlet

ATO I

Cena I

*Esplanada do castelo de Elsinor
Francisco, de sentinela; Bernardo entra.*

BERNARDO — Quem está aí?

FRANCISCO — Não; responda-me; pare e diga o nome.

BERNARDO — Viva o rei!

FRANCISCO — Bernardo?

BERNARDO — Ele mesmo.

FRANCISCO — Vindes exatamente na vossa hora.

BERNARDO — Meia-noite, Francisco. Vai deitar-te.

FRANCISCO — Muito grato vos sou por me renderdes. Que frio! Chega a doer-me o coração.

BERNARDO — Foi calma a guarda?

FRANCISCO — Não buliu nem rato.

BERNARDO — Então, boa noite. Se vires por aí Marcelo e Horácio, dize-lhes que se apressem; estão ambos escalados comigo.

FRANCISCO — Julgo ouvi-los. Olá! Não se aproximem. Quem está aí? (*Entram Horácio e Marcelo*)

HORÁCIO — Amigos desta terra.

MARCELO — E súditos do rei da Dinamarca.

FRANCISCO — Boa noite para todos.

MARCELO — Outro tanto te desejamos nós, meu bom soldado. Quem te rendeu na guarda?

FRANCISCO — Foi Bernardo. Mais uma vez, boa noite. (*Sai*)

MARCELO — Olá, Bernardo!

BERNARDO — Fale. Horácio está aí?

HORÁCIO — Ele em pessoa.

BERNARDO — Bem-vindo, Horácio; salve, bom Marcelo.

MARCELO — E a tal coisa, esta noite apareceu?

BERNARDO — Não vi nada.

MARCELO — Horácio diz que tudo é fantasia; não quer acreditar no que contamos sobre a visão que duas vezes vimos. Por isso, o convidei a vir fazer-nos companhia nas horas desta noite. Dessa forma ele confirma nossos olhos, se a aparição voltar, e fala com ela.

HORÁCIO — Qual! Não vem! Não vem nada.

BERNARDO — Bem, sentemo-nos; renovemos o assalto aos teus ouvidos, que tão fortes se mostram para a história do que vimos duas noites.

HORÁCIO — Pois sentemo-nos, para ouvir a Bernardo sobre o assunto.

BERNARDO — Na última noite, ao vir iluminar aquela estrela, que está a oeste do pólo, a parte exata do céu em que ora brilha, eu e Marcelo, ao soar uma hora o sino...

MARCELO — Pára! Não continues; ei-lo de novo. (*Entra o Fantasma*)

BERNARDO — Exatamente a forma do rei morto.

MARCELO — Fala-lhe tu, Horácio, que és instruído.

BERNARDO — Não é igual ao rei? Vê bem, Horácio.

HORÁCIO — Igual; o espanto e o medo me confundem.

BERNARDO — Deseja que lhe falem.

MARCELO — Fala, Horácio.

HORÁCIO — Quem és, que assim usurpas estas horas da noite e a forma nobre e belicosa que ostentava, marchando, a majestade do sepultado rei da Dinamarca? Pelo céu, fala; ordeno-te!

MARCELO — Ofendeu-se.

BERNARDO — Vai recuando.

HORÁCIO — Detém-te e fala! Intimo-te! (*Sai o Fantasma*)

MARCELO — Foi-se, sem dizer nada.

BERNARDO — Então, Horácio? Assim tremendo e pálido... Não é mais do que simples fantasia? Que pensais de tudo isso?

HORÁCIO — Perante meu Deus, nisso poderia não ter acreditado sem a sensível e verdadeira testemunha de meus próprios olhos.

MARCELO — Ao rei se assemelha?

HORÁCIO — Como tu te assemelhas a ti mesmo. Essas as armas que trazia, quando derrubou o ambicioso Norueguês; desse modo franziu o sobrecenho, depois da discussão, quando no gelo jogou a resistente machadinha. É muito estranho.

MARCELO — Por duas vezes, já, nesta hora morta, passou por nós com o mesmo ar belicoso.

HORÁCIO — Não posso achar explicação; contudo, de maneira geral, penso que o fato é indício de algum mal para nós todos.

MARCELO — Sentem-se, então, e quem souber nos diga donde vem fatigarem-se os vassallos deste reino com guardas rigorosas; e mais: por que fundir canhões de bronze, por que tanto armamento do estrangeiro, por que trabalham tanto os arsenais, sem das semanas separar os sábados? Que nos ameaça, para que essa faina suarenta a noite mude em companheira de trabalho do dia? Quem me pode dar disso a explicação?

HORÁCIO — Eu, quero crê-lo. É o que se fala, ao menos: o defunto monarca, de quem vimos, ora, a imagem, foi desafiado, como é bem sabido, por Fortimbrás, a quem ciumento orgulho dava ousadia. O nosso bravo Hamlet — que assim por estes mundos lhe chamavam — matou o Norueguês, que, por contrato selado e sancionado

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

